

A geografia de Élisée Reclus frente ao extermínio dos ameríndios: questões científicas e políticas¹

Federico Ferretti,
da Universidade de Genebra – Suíça
federico.ferretti@unige.ch

Resumo: A Nova Geografia Universal de Élisée Reclus, uma das obras geográficas mais célebres da segunda metade do século XIX, dedica um espaço muito importante ao Novo Mundo. Pois essa obra tinha uma grande distribuição e o autor dela era celebre como um dos fundadores do movimento anarquista e como exilado da Comuna de Paris, sua influencia na opinião pública europeia dessa época não foi desdenhável. Nesse artigo, nós problematizamos a representação reclusiana do genocídio dos povos ameríndios feito pelos conquistadores europeus entre os séculos XVI e XIX, que o geógrafo denuncia de maneira muito radical, mesmo sendo uma admirador do progresso científico e técnico de sua época. A construção dessa mirada heterodoxa nos fornece informações originais sobre a relação entre a Europa e seu Outro na Idade dos Impérios.

Palavras chave: Reclus. Ameríndios. Geografia Universal. Conquista. Genocídio.

Introdução: uma abordagem historicista?

Na literatura sobre Élisée Reclus (1830-1905), um dos geógrafos mais célebres do século XIX, um aspecto abordado com frequência é o da relação entre suas ideias políticas e seu enfoque geográfico. A propósito da sua leitura do colonialismo europeu, existe um debate interessante entre os geógrafos. Não temos aqui o espaço para resumir exaustivamente o estado da questão, mas deve-se sublinhar que a obra de Reclus é enorme, que analisá-la sem uma leitura integral, ou pelo menos ampla, do seu corpo, tem o risco de engendrar leituras preconcebidas e anacrônicas. Propomo-nos então contribuir com alguns materiais úteis para este debate, analisando a aproximação reclusiana do extermínio dos nativos americanos pelos conquistadores europeus que aparece nos últimos cinco volumes da sua obra maior, a *Nouvelle Géographie Universelle (Nova Geografia Universal, em adiante*

¹ Essa pesquisa foi financiada pelo Fundo Nacional Suíço de Amparo à Pesquisa científica (FNS) no âmbito dos projetos *Écrire le Monde Autrement : géographes, ethnographes et orientalistes en Suisse romande, 1868-1920, des discours hétérodoxes (Div. 1, 2012-2015)* e *Géographie, éducation publique et pédagogie libertaire en Suisse et en Europe (19e-21e siècle) (Div. Interdisciplinaire, 2014-2017)*. Agradeço David Ramirez Palacios por sua participação na tradução portuguesa desse texto"

NGU), consagrados ao Novo Mundo. Consultaremos também outras obras reclusianas como *L'Homme et la Terre (O Homem e a Terra)*, para esclarecer nosso problema. Efetivamente, sabe-se da confiança de Reclus na evolução e o progresso das técnicas e das comunicações globais: como consegue ele conciliar isto com a sua crítica da Conquista e do colonialismo? Como ele se relaciona, sendo que fala de «mistura» e «assimilação» contra os racismos, com o historicismo que caracteriza o pensamento europeu (e eurocêntrico) dominante?

América setentrional

Reclus, na NGU, aborda o continente americano partindo da sua parte boreal. Assim, antes de analisar a Conquista efetuada pelos espanhóis e os portugueses, deve confrontar-se com a primeira colonização histórica efetuada pelos Europeus do Norte, entre os quais, na época da escrita da obra, os ingleses possuíam a melhor parte na partilha do mundo entre potências coloniais. Já no volume da NGU dedicado às ilhas britânicas, Reclus expõe uma opinião bem clara sobre a obra «civilizadora» dos colonizadores anglo-saxões desde que entraram em contato com os primeiros povos:

Em muitos países, infelizmente, os ingleses não têm feito mais que destruir para ganhar a vida. Na Tasmânia, têm exterminado quase até o último indígena. No continente australiano, algumas tribos de naturais ainda fogem diante deles como as bandas de cangurus, que é a primeira espécie de caça ameaçada de destruição próxima. Na Oceania, quantas ilhas têm sido despovoadas por eles, e nas suas colônias americanas, agora tornadas Estados Unidos, quantas nações indígenas eles têm horripantemente massacrado, sem falar de aquelas que têm feito perecer pelo aguardente e outros vícios de importação europeia! (RECLUS 1879, p. 359).

A partir da América do Norte, a lei geral que Reclus extrai da sua análise histórica é que, desde as primeiras explorações medievais dos vikings, o massacre acompanha em todas partes o desembarque dos europeus: «Como os invasores de todas as nações da Europa que os sucederam, os piratas normandos massacraram indígenas só pelo prazer de derramar sangue: a obra de extermínio começa desde a chegada dos brancos» (RECLUS 1890, p. 12-13).

É segundo os trabalhos etnográficos de seu irmão e colaborador Elie² que Élisée

2 Jean-Pierre Michel Reclus vulgo Elie (Sainte-Foix-la-Grande 1827-1904).

Reclus analisa os povos inuit do Ártico americano, inaugurando uma abordagem científica que opera pela primeira vez uma aproximação empática com os povos que a generalidade dos tratados científicos da época apresentavam como gentes «selvagens» e «inferiores». Elie Reclus fornece também a sua explicação: «Não duvidamos em afirmar que em muitas tribos, ditas selvagens, o indivíduo médio não é inferior, nem moralmente, nem intelectualmente, ao indivíduo médio nos Estados ditos civilizados [...] estas populações não têm sido escritas senão pelos invasores, aqueles que menos podiam compreendê-las» (ELIE RECLUS 1885, p. XIII-XIV).

Na NGU Élisée Reclus, que é consciente do caráter inexato da definição de esquimós – desde que estes povos conhecem-se como inuit, ou seja, «os homens» –, não esconde a sua simpatia pela causa destes «selvagens» e pelas suas instituições igualitárias. Abordando os autóctones do Alasca:

Estes indígenas, em número ao redor de quatro centenas, estão, como a maior parte dos outros esquimós, em via de diminuição rápida, por causa do despovoamento dos mares que percorrem os baleeiros americanos [...] Há poucos homens no mundo mais aprazíveis e amenos que os inuit de Point-Barrow. Eles não têm chefes, eleitos ou hereditários, e vivem em estado de perfeita igualdade [...] As mulheres desfrutam de uma perfeita igualdade com os homens (RECLUS, 1890, p. 223).

Reclus observa com interesse o igualitarismo de diversas sociedades ameríndias, por exemplo a instituição, difundida entre os peles-vermelhas, que os antropólogos têm chamado de «chefatura», antecipando assim alguns assuntos antropólogo libertário do século vinte, Pierre Clastres, que admirou algumas sociedades ameríndias como «sociedades contra o estado» (CLASTRES, 1974). Consoante Reclus, «É impossível traduzir a palavra “rei” numa língua indígena, pois a ideia mesma que responde a este termo é absolutamente desconhecida dos peles-vermelhas: o chefe não é outro que o primeiro entre iguais» (RECLUS 1892, p. 45). No concernente ao *status* da mulher, pode dizer-se que em Reclus, militante da emancipação feminina na Europa, a apreciação da paridade desfrutada pelas mulheres em diversos povos nativos vá desde o Ártico até a Patagônia, onde os araucanos «tratam bem suas mulheres, como os outros aborígenes, pois jamais uma esposa indígena foi golpeada» (RECLUS 1893, p. 762).

No outro lado da moeda, o geógrafo analisa com escrúpulo todo o dano material e moral que a servidão imposta pelos invasores de todas as nacionalidades provocou aos povos indígenas. No norte, pode partir-se do exemplo das Ilhas Aleútes: «Enquanto se

mantiveram independentes, os aleútes foram um povo feliz; mas após a servidão que impuseram-lhes os russos, eles tornaram-se tristes. Não há indignidades que não lhes tenham feito sofrer» (RECLUS 1890, p. 226). Com grande antecipação às célebres elaborações de Jared Diamond (1997) Reclus aborda o aspecto biológico do extermínio, citando fontes vernáculas que demonstram a consciência indígena do perigo das doenças importadas pelos conquistadores. Afirma que os europeus «mereceram o nome que deram-lhes os Tineh da América boreal: Ewie Daetlini –os que trazem a morte com eles» (RECLUS 1905, p. 329).

Acerca dos caçadores-coletores da América boreal, Reclus não deixa de citar as prepotências por eles sofridas por parte de outros povos indígenas mais belicosos, como os Peles-Vermelhas canadenses, depois tratados da mesma forma pelos colonos ingleses e franceses: «Os colonos da Europa fizeram-lhes retroceder assim como já tinham feito retroceder ou exterminado os Inuit ou Skrällinger que, sob o nome de esquimós, viviam ainda no século passado no golfo de São Lourenço» (RECLUS 1890, p. 477).

Os Pele-vermelha são objeto de capítulos específicos, tanto no volume da NGU consagrado aos Estados Unidos quanto em *L'Homme et la Terre*. O genocídio deste povo é abordado em forma muito explícita: Reclus enfoca de entrada as justificações daqueles que viam a extinção dos naturais como uma consequência «inevitável» de seu encontro com os «civilizados».

Alguns teóricos da força bruta, congratulados com escapar dos remorsos, têm expedido uma suposta lei segundo a qual uma raça “inferior” deve necessariamente desaparecer ao contato de uma raça “superior”. A presença do branco seria suficiente para que o vermelho seja golpeado de morte, ele e a sua descendência. Lei confortável, que permite ao colono agir à sua guisa com os indígenas, atribuindo à fatalidade os efeitos de seus próprios atos-espoliação, crueldade, engano, chegando a torná-los formas quase justificáveis da luta pela existência! No entanto, uma lei tal não existe (RECLUS 1892, p. 679).

Quanto às doenças, se os primeiros exploradores eram sem dúvida inconscientes do perigo dos germes que eles transmitiram aos indígenas, após certo momento este fato foi empiricamente conhecido. Reclus denuncia então a difusão propositada de doenças efetivada pelos colonos.

Podem citar-se sem dúvida exemplos de doenças mortais, rubéola, varíola e outras, que têm dizimado, as vezes quase que inteiramente destruído, os povos aborígenes; mas sabe-se também que muitas vezes estas epidemias foram desencadeadas cientemente através do envio de cobertores contaminados [...] Sabe-se como o cara-pálida deram-se a livrar desses convidados a terra que desejavam apreender. No que respeita aos infelizes, toda colônia é quase a mesma história de fraudes, violências e crueldades sistemáticas. Na Virgínia, tanto

quanto nas Carolinas, Nova Iorque e a Nova Inglaterra, brancos de toda raça e de toda religião não tiveram nenhum escrúpulo em enganar os indígenas de mil maneiras, em corrompê-los favorecendo sua inclinação à bebida, em atizar uns contra os outros, em declarar-lhes guerras injustas e em massacrar, e até queimar, os prisioneiros. Em muitas colônias, as leis formais autorizam a escravidão perpétua dos peles-vermelhas capturados na guerra e a venda das crianças, «pagãs e filhas do diabo», aos plantadores das Bermudas. Quando uma epidemia assolava os brancos, víamos o efeito da cólera divina; quando ela dizimava os índios, tratava-se de uma bênção do alto» (Ibid., p. 679-680).

Reclus diferencia, a propósito dos Estados Unidos, entre o período precedente à Independência e o período seguinte, a partir do qual tenta-se dar uma roupagem legal à expropriação das terras índias e instituir as reservas e os subsídios para «lhes proteger».

Reclus não deixa de ironizar com estas medidas, que considera hipócritas:

Em algumas colônias, a guerra foi sem trégua nem piedade; rastrejavam-se os selvagens como a feras selvagens, colocava-se preço às suas cabeças como a lobos e víboras. Cobertas com seus cadáveres, as mais belas campinas da América do Norte, aquelas do Kentucky, tornaram-se para os índios “solo desolado e sangrento” [...] Nos primeiros tempos da colonização, os massacres faziam-se sem escrúpulos hipócritas [...] Felizes entre os índios aqueles que, após ter posto mão em tudo ou em parte do preço de venda das terras, ficaram nas reservas sem depender, na vida cotidiana, da solicitude do governo federal (Ibid., p. 681-682).

O geógrafo observa que não só o contágio de germes, mas também o da economia e o dos costumes dos brancos tinham sobre os índios efeitos desmoralizadores como a crise da instituição da chefatura e a abolição das propriedades comuns originais:

Na época da sua liberdade, o poder monárquico era completamente desconhecido dos índios, tendo eles por “chefes” homens de confiança tornados populares por causa da sua coragem, sua destreza ou sua prudência. Aos poucos, estes chefes tornaram-se amos, incumbidos de dirigir particularmente todas as transações comerciais e militares; seus interesses, agora distintos daqueles dos seus sujeitos, os fazem enriquecer às expensas de uma multidão envilecida [...] “O homem branco, o whisky, a varíola, pólvora e as balas: é o extermínio!”, repete um provérbio índio [...] Um decreto presidencial basta para retirar milhões de quilômetros quadrados aos indígenas e para fazer deles, se não conseguem se adaptar ao novo meio, intrusos, “foragidos” na terra da sua pátria» (Ibid., p. 683-684).

Preocupado pela atualidade da questão indígena nos Estados Unidos e Canadá, e com o furor destas comunidades, Reclus estuda sua distribuição residual no território, fazendo desenhar mapas temáticos dedicados às reservas (RECLUS 1890, p. 394; 1892, p. 687). Não deixa de relatar aos seus leitores as revoltas indígenas e a dramática repressão subsequente –ou às vezes «preventiva». Em 1890,

as danças mágicas foram consideradas como uma rebelião dos Sioux. Um dos seus chefes mais famosos, Sitting Bull ou “Touro Sentado”, foi detido na sua barraca, em Standing Rock, Dakota do Norte, e morto com muitos de seus

companheiros durante a briga que se seguiu à sua captura. Em Dakota do Sul, em Wounded Knee, a repressão foi mais terrível: primeiro desarmaram os homens, depois os massacraram, inclusive as mulheres e as crianças em fuga (RECLUS 1892, p. 687).

Reclus, no entanto, em linha com a sua ideia de mistura étnica universal, espera uma «assimilação gradual» (Ibid., p. 688) que permita aos índios sobreviventes e aos seus descendentes adquirir os mesmos direitos que os cidadãos americanos. Em sua primeira obra, *L'Homme et la Terre*, ele revê estas mesmas problemáticas, às que acrescenta com sarcasmos sobre os valores «religiosos» dos fundadores da sociedade americana.

Sabe-se que, bem antes do massacre dos povos caçados em fuga para o Far West, muitas tribos Peles-Vermelhas foram sistematicamente exterminadas e que, notadamente, os “puritanos” da Nova Inglaterra entregaram-se a esta obra de ódio com zelo religioso [...] e é só com fim de apropriar-se das suas terras sem lhes pagar, ou simplesmente por efeito de uma brutalidade feroz, pelo treinamento furioso da guerra, que tiveram lugar as expulsões de índios, acompanhadas de chacinas. Com frequência, procedeu-se mesmo à supressão sistemática da raça mediante a propagação de doenças contagiosas e principalmente pela distribuição da malvada cachaça. A este respeito a turba gosta de repetir um provérbio irônico: “O whisky ruim faz índios bons!” Quer dizer, mata-os» (RECLUS 1908, p. 98-99).

Reclus ressalta enfim as diversas estratégias de resistência desenvolvidas pelos povos que «não desejam morrer» (Ibid., p. 101) e que procuram sobreviver, preservando a sua cultura, tomando por refúgios lugares afastados ou emigrando para países, como Canadá ou o México, onde a tolerância é um pouco maior. Reclus cita finalmente um caso de «resistência cultural» bastante original, a do índio Sequoyah, inventor do alfabeto Cherokee. Este caso é também citado na obra de J. Diamond, mas é Reclus que pega seu valor político e identitário, pois conhece bem a luta contemporânea dos socialistas e anarquistas europeus pela alfabetização popular.

Os Cherokee deram-nos mais um exemplo. Um deles, Sequoyah, tendo entendido o poder intelectual que o livro garante aos brancos, opressores da sua raça, ele quis também elevar os seus à comunhão do pensamento escrito, reproduzido por impressão, mas não criou senão um silabário, em lugar de um alfabeto, conveniando com o gênio da sua língua, e seus confrades, consultados por ele em grande conselho, e tendo dado sua opinião, foi decidido que daí para frente os jornais e as atas da nação seriam escritas por meio dos signos de Sequoyah: em três meses, todos os cherokees tornaram-se letrados na sua língua (Ibid., p. 104).

América central

O volume XVII da NGU, dedicado à América Central e às Antilhas, primeiro teatro

da Conquista, contêm 33 aparições da palavra «extermínio» e 2 da palavra «massacre». Já no capítulo das *Generalidades* sobre América, o geógrafo anarquista apresenta a empresa de Cristóvão Colombo em forma não exatamente apologética. Reclus define assim o genovês: «o primeiro europeu em visitar o Novo Mundo, e também o primeiro plantador em escravizar os indígenas e os fazê-los perecer a seu serviço» (RECLUS 1890, p. 19). Isto não corresponde, no entanto, a uma apologia do estado selvagem, ou a algum tipo de remorso pela descoberta de América em si, pois segundo Reclus o conhecimento é sempre útil.

A Idade Média teria prolongado-se, a morte intelectual e moral teriam sido a consequência provável. Mas que abalo para o espírito humano, que incitação ao estudo e ao progresso de toda sorte, quando o homem pôde constatar, pelo testemunho mesmo dos sentidos, que a sua Terra flotava no éter, um planeta entre outros planetas, uma das moléculas por miríades errantes no infinito! A influência que exerceram as descobertas da era colombiana foi grande pelos conhecimentos diretos que elas prestaram à humanidade, mas foi bem maior ainda pela sua ação indireta na emancipação intelectual.» (Ibid., p. 71).

Não é das explorações, mas das conquistas, que Reclus toma distância, sem esquecer as responsabilidades daqueles que forneceram os pretextos religiosos para o extermínio.

A chegada de Colombo ao solo do Novo Mundo, este acontecimento que desde o ponto de vista da história geral parece ser o fato glorioso por excelência, foi para os habitantes das Antilhas o sinal da desapareção em massa. Perseguidos por cães, batizados depois à força e tornados assim «irmãos espirituais» dos espanhóis –no entanto condenados a todos os trabalhos: tarefas de aprovisionamento, exploração das minas, cultivo de plantações, fixados ao solo e repartidos em rebanhos entre os conquistadores, por fim submetidos à Inquisição, os infelices viraram em breve uma horda de escravos. A Espanhola, Cuba, onde apertavam-se centos de milhares de indígenas, foram transformadas em solidões, viram-se tribos inteiras renunciar a toda civilização, refugiar-se nas florestas e reviver a vida bestial dos ancestrais. Viram-se a outras se suicidar para escapar da atroz dominação do estrangeiro [...] Os crimes das Antilhas renovar-se-ão em muitos países da América do Norte e do Sul. Sabe-se quão pouco custava o sangue humano para os Cortés e os Pizarro: por centenas de milhares contaram-se as mortes, muitos distritos foram completamente despovoados. E não foram só os Espanhóis que entregaram-se a estes morticínios: todos os conquistadores, qualquer que seja a raça a que pertencessem, têm tido parte nestas carnagens. Os que verteram menos sangue, os portugueses por exemplo, deveram-no não ao seu espírito de bondade e de equidade –o que aliás ficou provado nas Índias orientais, mas a seu estabelecimento num país em que não encontraram frente a eles mais do que tribos errantes, fugindo ao longe nas florestas. Lá onde o massacre não aconteceu, a expulsão gradual teve lugar, produzindo os mesmos efeitos (Ibid., p. 73).

Diferentemente da situação analisada na América setentrional, as civilizações

esmagadas pelos espanhóis na América Central, segundo Reclus, tinham pouco de «inferior» frente aos conhecimentos difundidos na Europa da época.

Os mexicanos, hábeis engenheiros, tinham construído diques, calçadas, canais, aquedutos, esgotos; possuíam belas estradas, sobre as quais os correios prestavam um serviço em que as instituições análogas da Europa eram ainda rudimentares. Sabiam trabalhar o ouro, a prata, o cobre e outros metais. A sua ciência astronômica era tal que souberam dividir seu ano em dezoito meses de vinte dias, com cinco dias complementares, e desta forma obter exatamente 365 dias. Enfim, eles pintaram e esculpiram seus anais, e até serviram-se de caracteres hieroglíficos. Todos estes produtos da arte e da ciência foram considerados pelos padres ignorantes da Espanha como obras do demônio e jogados às chamas (Ibid., p. 74).

Uma outra diferença concerne à supervivência do elemento índio na América central e meridional. Enquanto nos Estados Unidos a porcentagem de índios na população total é mínima, em diversas regiões de colonização hispânica os ameríndios tinham experimentado uma certa recuperação demográfica depois do primeiro choque, e em diversos casos os dois povos acabaram fundidos. Isto guarda interesse para Reclus, pois as suas proposições antirracistas viam exatamente a mistura universal das «raças» (na época empregava-se normalmente esta palavra, mas não forçosamente com conotações racistas. Veia-se: LA VERGATA 2009) como uma das soluções possíveis para garantir à humanidade um porvir pacífico. Destacamos também que naquela época, consoante Catherine Coquery-Vidrovitch, a ideia da mistura preocupava muito os científicos racistas, muito interessados no conceito de “raça pura” (COQUERY-VIDROVITCH 2003).

Quaisquer que sejam as pretensões, não é possível haver na América Latina uma raça verdadeiramente pura, pois os primeiros imigrantes europeus, do México ao Chile, quase todos se casaram com indígenas [...] Pode avaliar-se em uma trintena de milhões os americanos que, pela mistura dos sangues, participam ao mesmo tempo das duas raças, ditas “branca” e “vermelha” segundo as nuances primitivos da pele (RECLUS 1890 p. 76).

No volume XVII, Reclus retoma a mesma distinção salientando que a fusão teria sido mais simples no caso dos colonos neolatinos (notadamente de origem ibérico) do que no caso anglo-saxão.

Os Estados Unidos não são, por assim dizer, mais do que um anexo do Antigo Mondo. Pela sua população, branca e negra, reproduzem a Europa e a África num outro continente. Os elementos aborígenes estão representados em forma bem fraca relativamente, e as tribos que não tem sido massacradas ou que não se misturaram na massa dos outros habitantes sem deixar vestígios, vivem ainda em estado selvagem e em encaves mais ou menos respeitados. Na América

espanhola, pelo contrário, o grosso da população compõe-se de indígenas hispanificados que, tendo recebido amplamente a civilização europeia e misturando-se às raças do Antigo Mondo, não são mais representantes da antiga raça americana. Os neo-saxões tem destruído ou repellido as populações indígenas, os neolatinos tem-nas assimilado (RECLUS 1891, p. 14).

Reclus, para escrever os últimos três volumes da sua obra, todos consagrados à América Latina, trabalhou longamente nos arquivos e bibliotecas de Lisboa, Madrid, Sevilha e Salamanca, onde teve acesso não só a fontes históricas concernentes à Conquista, mas também a textos que registram os debates da época, por exemplo o dos teólogos que se perguntavam se os índios tinham alma. Reclus cita especialmente o chamado «defensor dos índios», Bartolomeu das Casas.

Segundo Bartolomé das Casas, “os cristãos causaram com suas tiranias e obras infernais a morte de mais de doze milhões de almas, tal vez mesmo de mais de quinze milhões, homens, mulheres e crianças”. Qualquer que seja o grau de aproximação que o famoso “defensor dos índios” tenha podido atingir nesta calafriante avaliação, é certo que os massacres e a opressão puseram quase fim à raça nas Antilhas, entanto que os povos e tribos do México e da América Central continuaram a subsistir. Foi preciso então povoar de gentes de uma outra raça as ilhas deste “mar dos Caribes” onde não se encontram mais Caribes, e os negros vieram substituir os índios. Escravos africanos foram importados por milhões para colonizar o país em lugar dos milhões de indígenas massacrados. Mas não há uma base documental suficiente que permita avaliar a quantas cabeças elevou-se, durante mais de três séculos, a introdução desta récu humano. Alguns autores têm falado em dez ou quinze milhões de indivíduos. Em qualquer caso, a trata tem decerto custado à África, pelas guerras que tem suscitado, um número bem maior de vidas humanas (RECLUS 1891, p. 12).

Reclus procura então avaliar o número de índios mortos por causa da Conquista. Até hoje historiador da demografia nenhum tem conseguido enunciar uma avaliação precisa dos milhões de ameríndios que pereceram desde seu primeiro contato com os europeus, no entanto estudos recentes consideram subestimadas as cifras fornecidas por Las Casas e referem um número por volta dos 30 ou 40 milhões (LIVI BACCI 2007). Reclus tem assim ocasião de citar testemunhas diretas dos massacres acontecidos em cada país, referindo-se sistematicamente a dados possuídos por ele.

Os conquistadores espanhóis fizeram no México aquilo que tinham feito nas Antilhas: massacraram os indígenas que resistiram e sumiram os sobreviventes num regime de escravidão sem piedade. “Uma longa experiencia”, diz Pedro Martir de Anghiera, “tem demonstrado a necessidade de privar estes homens da liberdade e de proporcionar-lhes guias e protetores”. Graças a estes “protetores”, as províncias encontraram-se quase inteiramente despovoadas em menos de uma geração. O sítio de México, “onde os homens eram mais numerosos que as estrelas do céu e os grãos de areia da beira do mar”, custou a vida, diz, a 150.000

peessoas. Da mesma forma, segundo Pimentel, a província de Nova Galícia, que virou Estado de Jalisco, viu a sua população, de 450.000 índios, reduzida a 12.600 (RECLUS 1891, p. 107).

No norte do México, os proprietários tinham combatido, até tempos recentes, uma guerra de extermínio contra os Apaches e outros povos índios. Reclus não deixa de ressaltar a origem «europeia» do hábito de ficar com o couro cabeludo ou outra parte do corpo do inimigo morto.

Cientes das suas origens índias, as gentes do povo sentiam-se orgulhosas dos feitos dos seus irmãos ainda selvagens, e muitas vezes satirizaram em músicas os infortúnios dos proprietários que faziam correr em vão à procura dos seus rebanhos. Para se livrar dos ladrões apaches, decretou-se contra eles uma guerra de extermínio. Colocou-se preço às suas cabeças: um prêmio de 200 piastras pagava-se pela cabeleira e o par de orelhas de um guerreiro; um índio, se levado vivo, valia 150 piastras; dava-se o mesmo preço por um garoto jovem vivo e 100 piastras por seu cadáver (Ibid., p. 124).

O sarcasmo contra as histórias de conquistadores que magnificam as maravilhas daqueles que vão destruir, encontra-se presente em múltiplas passagens da NGU.

“A cidade de Churultecal” – chamada assim por Cortés– “contem vinte mil casas no corpo da vila e outras tantas nos subúrbios. Do alto de um dos templos contei mais de quatrocentas torres, sendo todas santuários”. Mas apenas poucos dias depois de ter contemplado este panorama da cidade, o conquistador deu-se à obra de destruição pelo massacre e o incêndio (Ibid., p. 201).

Prosseguindo em direção sul, o geógrafo reencontra civilizações que sobreviveram ao massacre e cuja língua e identidade tinham ressuscitado, englobando também os descendentes dos invasores, segundo o aforismo horaciano *Graecia capta ferum victorem cepit* [A Grécia, conquistada, capturou o fero vencedor].

Os Maias, que plantaram-se mais braviamente aos Espanhóis do que a nação dos astecas, tinham atingido, aparentemente, um grau mais alto de civilização. Embora Colombo não tenha visitado os maias, a sua reputação veio até ele. A obra de extermínio relatada por Las Casas e Diego de Landa foi terrível, a raça quase que desapareceu. Esta, não entanto, tem ressurgido aos poucos, e, apesar do seu reduzido número, os vencidos maias não abdicaram da sua língua. Afirma-se mesmo que a mor parte daqueles que conheceram o espanhol recusaram-se de o falar. O fato é que no Iucatã os conquistadores acabaram por ser conquistados nos campos, onde a língua maia é de uso geral, com exceção dos arredores de Campeche. Nos distritos do interior, os descendentes dos espanhóis têm desaprendido em grande número a fala dos seus antepassados (Ibid., p. 250).

Reclus era conhecido na França, desde suas primeiras publicações na *Revue des*

Deux Mondes [Revista dos Dois Mundos], como um dos advogados dos negros americanos na luta contra a escravidão, (RECLUS 2007) onde, não é de surpreender, focaliza sua atenção na escravidão a que tinham sido sumidos antes os ameríndios da América Central nas plantações das Antilhas, ao custo do despovoamento de vastas regiões.

Sabe-se que a falta quase absoluta de população índia nas costas atlânticas, de Iucatã a Nicarágua, deve-se aos tratantes espanhóis. Desde que os indígenas de Cuba e da Espanhola foram exterminados pelos proprietários, e sem que a trata dos negros ainda provesse um número suficiente de trabalhadores, os plantadores destas ilhas procuraram recrutar seus condenados pela importação de “Caribes”, isto é, índios de toda raça que povoavam as ilhas e a terra firme e que foram acusados de todos os crimes e de canibalismo, com o fim de não ter que reprochar-se a sua escravização. A caça de homens fez-se principalmente ao longo do litoral do golfo de Honduras [...] Desde a chegada dos espanhóis, a resistência dos indígenas de Honduras foi corajosa e tenaz; no interior das terras, ao menos, eles não foram exterminados, entanto que no litoral e nas margens dos rios navegáveis os piratas pegaram, sabe-se, os habitantes para vendê-los como escravos nas plantações das Antilhas, onde todos iriam perecer (RECLUS 1891, p. 366, 465).

A história escrita pelos europeus, normalmente, relata alguma coisa dos povos «pré-colombianos» mais célebres, como os Astecas e os Incas, mas diz muito pouco de outros, fazendo com que apareçam «vazios» nas cartas geográficas. No entanto, lá tinha também civilizações, e teve também massacres, como no caso da Nicarágua.

O despovoamento fez-se na Nicarágua em forma mais atroz, pelo menos em proporções mais vastas ainda que no resto da América Central, pois nesta região cultivada dos istmos os habitantes não tinham lugar de refugio nenhum. Quanto mais os índios eram numerosos, mais massacres geravam vazios nas multidões. Mesmo na Nicarágua oriental, vizinha do mar dos Caribes, as tribos índias cobriam com suas aldeias muitas regiões inteiramente despovoadas depois pelos piratas. É assim que do Mico ao estuário de Blewfields encontram-se antigos cemitérios, fragmentos de cerâmica, pedras esculpidas e até efígies humanas. As moradas espanholas que se encontram descendo o curso do Mico foram construídas com os escombros dos prédios índios (Ibid., p. 507).

Abordando a região das Antilhas, Reclus destaca que o massacre teve como consequência a total extinção dos povos de ilhas inteiras, pois o espaço era estreito demais para escapar. No caso da ilha Espanhola-Haiti, encontra-se precisamente a descrição daquilo que chamamos hoje de «genocídio».

Colombo fala deste povo em termos que têm sido raramente aplicados a outros homens. “Eles amam seus próximos como a eles mesmos” diz ele, “sua fala, sempre amigável e muito doce, é acompanhada de sorrisos”. E portanto, ele

mesmo, que rendia-lhes tão alto testemunho, inicia a escravização destes índios pela astúcia e a violência. Seus companheiros e seus sucessores superaram-lhe em crueldade, e viram-se os espanhóis tornar em passatempo jogar seus buldogues contra os indígenas, despedaçados ou vivos. Os infelizes revoltaram-se em vão, a guerra não fez senão apressar os massacres. Relata-se que para acabar mais rápido com a sua miserável existência, os haitianos desesperados juraram não mais fazer crianças nascerem: foi este o suicídio da raça inteira. Em meio século, a nação que tinham encontrado os espanhóis e que eles ardiam de desejo de «converter à verdadeira fé» não existia mais, o pelo menos o pouco que ficou fundiu-se com outros elementos étnicos, negros ou brancos (Ibid., p. 743-744).

No caso das Antilhas Menores, Reclus não poupa seus compatriotas, pois os franceses compartilham a responsabilidade da desaparecimento de muitos povos indígenas.

Assim como os Caribes tinham exterminado os Aruaques, os brancos, espanhóis, franceses e ingleses, exterminaram por sua vez os caribes. A história de cada ilha, notavelmente no caso de Martinica, Domínica, São Vicente, é o relato do massacre dos indígenas, não restando agora mais do que um pequeno número de caribes miscigenados, morando nessas três ilhas, em vales separados por montanhas (Ibid., p. 851).

No caso de São Cristóvão, é com seus rivais ingleses que os súbditos do rei Luís disputaram-se o pouco invejável privilégio de assassinar o último indígena.

Warner e seus companheiros, desembarcados em 1625, e os aventureiros franceses, conduzidos pelo normando d'Esnambuc, que vieram dois anos depois, e não o mesmo dia, como de ordinário se repete, ligaram-se contra os primeiros ocupantes, perseguiram-lhos e, depois de tê-los expulso para o interior, acabaram por lhes exterminar completamente. Não fica na ilha mais do que uma pedra escrita cujas inscrições não têm sido decifradas (Ibid., p. 868).

América meridional

Após sua viagem de 1856-57 à Serra Nevada de Santa Marta na Colômbia, Reclus foi sempre sensível à contradição entre a ideia de «povos civilizados» e os estragos consumados em nome desta civilização pretendida superior. Falando dos índios de Santa Marta, o futuro geógrafo observa que: «O comércio, tal como é hoje compreendido, saberá, em troca da sua paz, dar-lhes outra coisa que não seja uma servidão disfarçada, a miséria e os gozos selvagens atizados pelo aguardente? Com já demasiada frequência, a bela palavra civilização tem servido de pretexto ao extermínio mais ou menos rápido de tribos inteiras» (RECLUS 1861, p. 35).

A propósito da América central e meridional, Reclus propõe muitas vezes um

paralelo entre a resistência dos índios e as revoltas dos escravos quilombolas [marrons], com os quais compartilham com frequência o lugar geográfico em que os foragidos podem procurar asilo: a floresta tropical. Nas colônias espanholas de Cuba, onde não tinha mais indígenas, as revoltas de escravos causaram a aliança dos brancos das diferentes classes sociais.

Inclusive os brancos das duas castas reconciliaram-se de repente em 1812, quando perceberam que os negros do distrito oriental tinham-se sublevado perto de Holguín e de Bayamo. Os plantadores de Porto Príncipe, à cabeça dos escravos fedéis, fizeram batidas contra os negros quilombolas, cercaram-lhos nas florestas e massacraram-lhos. O chefe, Aponte, foi levado à forca com oito dos seus camaradas. A escravidão, quer dizer, a cumplicidade forçada dos espanhóis e dos crioulos nos crimes da trata e da exploração dos negros, é o laço mantém a ilha ainda fiel à mãe pátria (RECLUS 1891, p. 680).

Mais felizes foram os escravos revoltados das Guianas, que graças à proteção da floresta têm dado vida a repúblicas negras duráveis, descritas por Reclus com simpatia.

Repúblicas de negros foram fundadas nas três Guianas costeiras, a inglesa, a holandesa e a francesa, mas é nas bacias dos rios Suriname e Maroni que estão estabelecidos os grupos mais numerosos [...] Os mancomunados vivem em paz, sem ambições rivais disputarem o poder: iguais em bem-estar, todos os negros do mato são iguais em direito (RECLUS 1894, p. 48-52).

Na NGU, o relato dos extermínios retoma-se a propósito da Colômbia, onde «os massacres, o trabalho excessivo, as epidemias e sobre tudo o desgosto pela vida, fizeram perecer os habitantes por centenas de milhares» (RECLUS 1893, p. 292). Na península da Goajira, Reclus relata uma insurreição vitoriosa dos índios, que vinham no entanto de se cristianizar. O que afastou-os de novo foram as atitudes não muito «piedosas» de certos missionários:

A avidez e sobretudo a luxúria dos “civilizadores” dispôs os índios à revolta. Depois dum levantamento de mulheres goajiras, as tribos sublevaram-se [...] Isto ocorreu no fim do século décimo sexto, e desde esta época os goajiros, renunciando solenemente à religião de seus inimigos, foram viver livres nas suas grandes savanas e nos seus vales de montanhas (Ibid., p. 310).

Do outro lado dos Andes, os conquistadores marcharam, neste mesmo século, à conquista dos tesouros incas. No Equador, em Riobamba, Reclus refere como os soldados invadiram uma cidade cujos defensores tinham fugido sem opor nenhuma resistência: «A conquista está terminada. Não resta mais do que massacrar os indígenas e pilhar os

templos e as tumbas» (Ibid., p. 409). No Peru, a caça aos índios, segundo o geógrafo, foi aliás prosseguida até períodos recentes, sob o pretexto da pretendida antropofagia de alguns deles.

Por seu lado, os colonos brancos ou mestiços autorizavam-se nestes relatos, mais ou menos verídicos, a tratar os cachibos como feras selvagens e massacrá-los sem remorso. Além disso, numa expedição de caça, eles não se incomodam em assegurar-se que índios eles matam: cachibos ou não, todos são ditos antropófagos (Ibid., p. 547).

No entanto, nas partes centrais e meridionais da cordilheira dos Andes, o geógrafo destaca outros episódios de resistência cultural indígena, especialmente nas áreas linguísticas dos quéchuas e dos aimarás. Nestes planaltos, a língua dos indígenas «não recua frente as invasões do espanhol: ao contrário, os espanhóis aprendem o quíchua». (Ibid., p. 531). No último volume da NGU, o XIX, dedicado ao Brasil e aos países do Prata, Reclus é mais avaro em comentários acerca da repressão dos indígenas. Isto explica-se provavelmente, dum lado pela falta de registros da situação do interior da floresta amazônica, do outro lado pela menor importância que o problema indígena tinha, nesta época, em países muito europeizados como o Uruguai e a Argentina. No entanto, o geógrafo não deixa de ressaltar alguns episódios, como o massacre dos índios Tamoios no Brasil na época da febre do ouro: «Os caçadores paulistas, correndo em perseguição de presas humanas para alimentar os escravos das minas e das plantações, contribuíram também à destruição da raça dos Tamoios» (RECLUS 1894, p. 308).

Nem a República argentina, cuja Constituição federalista de 1853 tinha sido muito apreciada por Reclus, é eximida pelo geógrafo anarquista, que ressalta como a construção desta nação causou, ainda na primeira metade do século, a expulsão dos poucos índios que ficavam. «O retorno da paz interior deve ter por consequência uma nova expulsão dos índios para o sul, tanto mais que estes diminuem rapidamente em número na medida se cruzam com os argentinos» (Ibid., p. 682).

A propósito do Paraguai Reclus retorna sobre a importância da miscigenação, que a sobrevivência de um bom número de descendentes dos guaranis fez possível na pequena república sul-americana. É decididamente uma interessante declaração de antirracismo afirmar que a «raça» mais «humana» é a mais misturada.

A mistura dos negros e dos indígenas guaranis parece muito favorável ao

embelecimento da “raça” [...] a população da América meridional é a mais “humana”, pois é ali que os elementos originários mais caraterísticos, o índio, o negro da África e o branco da Europa, encontram-se melhor fundidos. Lá constitui-se fisicamente a raça representativa da espécie humana em seu conjunto (Ibid., p. 57).

Conclusão: uma postura muito clara

Apesar daqueles que têm falado em «colonialismo», o reconto dos textos originais de Reclus demonstra que a sua tomada de distância respeito das ações da Europa no resto do mundo é muito nítida, muito explícita, e não dispensa nação europeia nem período histórico.

As ideias evolucionistas do geógrafo não se correspondem evidentemente com uma postura historicista tal como a tentada por determinadas elaborações filosóficas encaminhadas à universalização do modelo europeu, abordadas pelos estudos pós-coloniais a partir dos trabalhos de Dipesh Chakrabarty (2000). A ideia reclusiana de progresso é evidentemente complexa e pouco linear. De um lado, o geógrafo anarquista recusa explicitamente a ideia de Rousseau do «bom selvagem» e do estado de natureza, pois acredita fortemente no progresso dos conhecimentos técnicos e científicos. Do outro lado, ele presta sempre atenção a aspetos da cultura daqueles mal chamados «primitivos», tais como o igualitarismo e o pacifismo de certas tribos, as diferentes estratégias de adaptação ao meio, etc., pois ele acredita que a unificação da humanidade não deve ser um processo de mão única, mas que os pretensos «inferiores» teriam muitas coisas a ensinar aos assim chamados «civilizados». Falando da África na Nova Geografia Universal, ela já tinha declarado que precisava acabar com o conceito de raças e civilizações pretendidas superiores, o que implica sem dúvida uma grande originalidade em relação à ciência europeia da mesma época (RECLUS 1885, p. 32; RECLUS 1888, p. 554).

The Geography of Elisée Reclus and the Amerindian genocide: political and epistemological issues

Résumé : La Nouvelle Géographie Universelle d'Élisée Reclus, l'un des travaux géographiques les plus connus de la deuxième moitié du 19^e siècle, consacre au Nouveau Monde une place de choix. Comme cet ouvrage avait une diffusion grand public et que son auteur était célèbre comme fondateur de l'anarchisme et exilé de la Commune de Paris, son influence dans l'opinion publique progressiste européenne était appréciable. Nous nous interrogeons, dans cet article, sur sa représentation de l'extermination des Amérindiens, effectuée par les conquérants entre les 16^e et les 19^e siècles, que le géographe dénonce de manière radicale tout en restant un admirateur du progrès scientifique et technique de son époque. La construction de ce regard hétérodoxe nous donne des informations originales sur les rapports entre l'Europe et son Ailleurs à l'Âge des Empires.

Mots clés: Reclus, Amérindiens, Géographie Universelle, Conquista, Génocide

REFERÊNCIAS

BAUDOUIN A., GREEN H. Reclus, a colonialist? **Cybergeog**, 2004, <http://www.cybergeog.eu/index4004.html>

CHAKRABARTY D. **Provincializing Europe, postcolonial and historical difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

Clastres P. **La Société contre l'État : recherches d'anthropologie politique**. Paris: Éditions de Minuit, 1974.

COQUERY-VIDROVITCH P. **Le postulat de la supériorité blanche et de l'infériorité noire**. In FERRO M (org.). **Le livre noir du colonialisme**. Paris: Laffont, 2003, p. 646-691.

DEPREST F. **Élisée Reclus et l'Algérie colonisée**. Paris: Belin, 2012.

DIAMOND J. **Guns, Germs and Steel, the fates of human societies**. London: J. Cape, 1997.

FERRETI F. “Eles têm o direito de expulsar-nos”: a nova geografia universal de Élisée Reclus, **Espaço e Economia, Revista Brasileira de Geografia Econômica** 3, 2013 <http://espacoeconomia.revues.org/513>

FERRETI F. **Élisée Reclus : pour une géographie nouvelle**. Paris: Éditions du CTHS, 2014.

FERRETI F., PELLETIER P. Sciences impériales et discours hétérodoxes : la géographie d'Élisée Reclus et le colonialisme français, **L'Espace Géographique**, 1, 2013, p. 1-14;

GIBLIN B. Reclus e colonização, **Heródote**, 22, 1981, p. 56-79

LA VERGATA A. **Colpa di Darwin? Razzismo, eugenetica, guerra e altri mali**, UTET, Torino, 2009.

LIVI BACCI M. **Conquista: a Destruição dos Índios Americanos**. Lisboa: Editora 70, 2007.

NICOLAÏ H. Reclus et l'Afrique, **Revue Belge de Géographie**, 1, 1986, p. 95-108;
PELLETIER P. **Géographie et anarchie : Reclus. Kropotkine, Metchnikoff**. Paris: Éditions du monde libertaire, 2013.

RECLUS Elie. **Les primitifs**. Paris: Chamerot, 1885.

RECLUS Élisée. **Voyage à la Sierra Nevada de Sainte-Marthe : paysages de la nature tropicale**. Paris: Hachette, 1861.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. I, Europe méridionale. Paris: Hachette, 1876.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. IV, Iles Britanniques. Paris: Hachette, 1879.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. X. Paris: Hachette, 1885.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. XIII. Paris: Hachette, 1888.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. XV, Amérique Boréale. Paris: Hachette, 1890.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. XVII, Indes Occidentales. Paris: Hachette, 1891.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. XVI, *Les États-Unis*. Paris: Hachette, 1892.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. XVIII, *Amérique du Sud, les régions andines*. Paris: Hachette, 1893.

_____. **Nouvelle Géographie Universelle**, vol. XIX, *L'Amazonie et la Plata*. Paris: Hachette, 1894.

_____. **L'Homme et la Terre**, vol. V. Paris : Librairie Universelle, 1905.

_____. **L'Homme et la Terre**, vol. VI. Paris : Librairie Universelle, 1908.

_____. **Les États-Unis et la Guerre de Sécession: articles publiés dans la Revue des Deux Mondes**. Paris: CTHS, 2007.

SOBRE O AUTOR

Federico Ferreti - Possui doutorado em Geografia - Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne (2011). Seus trabalhos principais tratam das redes dos geógrafos e intelectuais heterodoxos que participaram nos projetos científicos de Elisée Reclus (1830-1905). Trabalha atualmente na Universidade de Genebra com o projeto de pesquisa Escrever o Mundo Diferentemente, Geógrafos, Etnógrafos e Orientalistas na Suíça romanda, 1864-1920, uns discursos heterodoxos. É membro associado do laboratório UMR Géographie-cités, Equipe EHGO - Epistémologie et Histoire de la Géographie, em Paris, e do laboratório LAPEHGE - Laboratório de Política, Epistemologia e História da Geografia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Recebido para avaliação em 01 de Março de 2015.

Aceito para publicação em 05 e Maio de 2015